Um livro pedagógico sobre a dor de não compreender: o Chagrin d'école (diário de escola), de Daniel Pennac

Cleriston Petry*

Chagrin d'école (Paris: Gallimard, 2007) trata-se de um dos escritos sobre educação do escritor francês, nascido no Marrocos, em 1944, Daniel Pennac - pseudônimo adotado por Daniel Pennacchioni. No Brasil, o livro foi publicado em 2008 pela editora Rocco com o título Diário de escola. Chagrin d'école não se trata de um diário, motivo pelo qual a tradução brasileira é imprecisa. Ao menos, não no sentido habitual do termo. Um diário é um tipo de texto que agrega anotações e reflexões elaboradas diariamente, geralmente no período vivido por seu autor. Diferentemente, Pennac "funda o passado", seu passado, recordando o período em que passou pela escola e foi considerado um mau aluno. "Cada anoitecer de minha infância, regressava para casa perseguido pela escola" e "meus boletins falavam da reprovação dos meus professores" (2007, p. 17, tradução nossa). É uma "prestação de contas" consigo mesmo e com seu passado. Um passado triste, mas que não foi suficientemente forte para determiná-lo como "ausência".

O mau aluno, atrasado, débil, que não compreende as coisas, mais tarde tornar-se-ia professor de francês e um reconhecido escritor. Em 26 de marco de 2013, Daniel Pennac recebe o título de doutor honoris causa em pedagogia pela Universidade de Bologna, ocasião em que pronuncia uma lição doutoral sobre a ignorância. Na oportunidade, revela que seu primeiro reflexo, ao saber da notícia, foi se surpreender, porque, afinal, sempre havia sido um mau aluno, descompassado em relação ao ritmo escolar. Reconhece nessa voz o menino que havia assimilado as reprovações oriundas dos professores e assumido sua condição de cancre. Ao rememorar o que foi, Pennac argumenta: "Ele era o ignorante. Ele era o mau aluno. Ele era o que não respondia a nenhum dos critérios do saber que a instituição exige dele" (2013, p. 2-3, tradução nossa). É a partir da radical experiência de estar sobrando, de não ser, que Pennac decide escrever, posteriormente, um livro sobre a dor de não compreender e seus danos colaterais (2007, p. 19, tradução nossa): Chagrin d'école.

O autor não se percebe como um si mesmo em relação ao passado. Aquele foi Pennac. Não é mais. Talvez seja possível dizer que naquelas condições não pôde

> Recebido: 19/06/2015 - Aprovado: 09/12/2015 http://dx.doi.org/10.5335/rep.v23i2.6546

Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. E-mail: cleripetry@hotmail.com.

aparecer como quem era, porque a instituição não estava preocupada com as singularidades e, por isso, produzia marcas nos alunos que permanecem para sempre, se não houver um professor disposto a tirá-los da situação de não reconhecimento. Entretanto, não se trata de um apanágio: uma sentença repetida inúmeras vezes se converte em verdade, a verdade do mau aluno. Um aluno que não acompanha o "ritmo de trabalho", incapaz de conquistar os resultados desejados pela família, pela escola, pela sociedade, pelos professores e, consequentemente, por si mesmo, alimenta o desejo de fugir de si mesmo, querendo continuar a ser si mesmo, "mas um eu que houvera sido aceitável para os demais" (2007, p. 30, tradução nossa). Pennac nos confronta com a frieza das avaliações, das provas, dos boletins, das reprovações e do consequente desejo de se adaptar, fazer parte, negar-se a si mesmo.

A escola não se considera responsável pelo fracasso de seus alunos. Embora tal fracasso seja um fracasso da escola, a reprovação dos professores. De algum modo, o jovem Pennac foi penalizado pela incapacidade da instituição de preocupar-se com ele, de cuidá-lo, de permitir que pudesse ter acesso aos conteúdos com suas limitações, inspirações e particularidades. Entretanto, a escola, sob o pretexto da igualdade e da meritocracia, não reflete sobre si mesma. Trata-se de uma instituição de classificação dos melhores, em que os maus alunos são condenados à vergonha e à solidão típica dos que não compreendem, perdidos em um mundo no qual os demais compreendem. Contudo, Pennac não é fatalista. Sabe que se superou, ou se encontrou, na medida em que houve alguns professores capazes de tirá-lo da condição de ausência, dando-lhe a oportunidade de começar outra vez e de forma inédita. Um aluno destroçado pela identidade de mau aluno triunfou servindo-se da leitura, da escrita, da imaginação e do amor. Mas, sobretudo, de professores que salvaram a ele e a outros. "Devemos-lhes a vida" (2007, p. 42, tradução nossa).

As injunções da família e da sociedade aparecem na escola por meio da fala de professores e diretores na forma de futuro. "O futuro como um muro em que se projetam as imagens desmesuradamente ampliadas de um presente sem esperança", argumenta o autor (2007, p. 54, tradução nossa). Penso que há uma divisão clara no texto entre o narrador e os personagens principais, mesmo que, às vezes, ambos se confundam. O aluno Pennac percebe seu entorno como o adulto professor de francês que superou a tragédia de ser descompassado em relação aos colegas e à consequente vitimização. Isso não significa que o aluno não seja vítima de uma educação que não permite aos jovens instalarem-se no presente, independentemente das expectativas externas. Mas o adulto Pennac saiu de sua condição de vítima para reformular o passado, agora como ator e, portanto, capaz de tomar o controle de sua vida. Pennac (e todos nós!) é incapaz de alterar o passado, todavia, pode dar-lhe um novo sentido.

O mau aluno (crancre) sofre de um presente sem esperança. Não há futuro, são crianças que não chegarão a nada. Disso é o que se convence primeiro um mau aluno (2007, p. 60, tradução nossa). Condenados a viver eternamente o presente, a ser uma nulidade escolar e a nunca deixar de sê-lo. O futuro, essa estranha ameaça, estranha porque, a rigor, não existe, ainda não é. Ademais, a escola e os professores que abandonam os maus alunos, que desistem deles, partem do pressuposto de que o futuro é a realização de causas presentes. Esquecem que a escola não é um paraíso para as particularidades, em que cada um pode ser único e desenvolver suas capacidades e as capacidades que todos os homens possuem. Se o futuro se apresenta como ameaça, o passado é brandido como uma vergonha ou um peso demasiadamente grande para crianças em desenvolvimento.

Pennac faz uma defesa da aula como um espaco do tempo presente, em que a cada dia o professor localiza os alunos no aqui e no agora, deixando de lado o passado, os problemas pessoais e familiares ou as expectativas externas, para permitir que eles vivam no "presente da encarnação", o tempo propício para o aprendizado. É a oportunidade escolar de viver o presente como presente. De poder esquecer-se na "matéria" sem preocupar-se com seus usos. De suspender todas as expectativas sociais. É o professor Pennac que percebeu a importância de um professor que lhe dera a possibilidade de escrever algumas narrativas em vez de fazer os exercícios padrão da escola. "Sendo já professor, soube por instinto que era inútil brandir o futuro ante os narizes dos meus piores alunos. A cada dia seu afã e a cada hora nessa jornada, sempre que estejamos plenamente presentes, juntos" (2007, p. 97, tradução nossa).

E no presente que "os males da gramática se curam com gramática, as faltas de ortografia com a prática de ortografia, o medo a ler com a leitura, o de não compreender com a imersão no texto", explica o autor (2007, p. 124, tradução nossa). A "prestação de contas" feita pelo escritor é cotejada com sua experiência de professor que não se esqueceu dos sofrimentos de uma escola incapaz de instalar os alunos no presente, cuja preocupação única seja a "matéria", não as provas, os exames ou a vida adulta. "Quando Montesquieu nos honra com sua presença em nossa aula, devemos estar presentes para Montesquieu" (2007, p. 129, tradução nossa). Somente assim os estudantes acessam o passado, a cultura e os conteúdos na escola com a liberdade de seres únicos e com a novidade que o mundo se apresenta a eles. O professor apresenta Montesquieu aos seus alunos e seus alunos à Montesquieu. A aula é um evento, momento de encontro entre desconhecidos que não tem outra preocupação que o simples estar presente e compreender o outro como outro, Montesquieu como Montesquieu, e não a utilidade de Montesquieu, por exemplo.

Tanto pela crítica quanto pela defesa, Chagrin d'école disserta sobre a tarefa de ser professor. Se os alunos precisam estar presentes no aqui, em relação ao conteúdo, os professores devem estar presentes para os seus alunos. Sem essa postura, o adulto perderá os estudantes que sentem a não presença, o não cuidado, a não atenção daquele que é responsável por sua educação e ensino. Além disso, ser pro-

fessor não é ser um guarda de museu que guia mecanicamente as pessoas em uma visita obrigatória (2007, p. 134, tradução nossa). Muito menos são os professores guardiões de um templo que decretam, deploram e não fazem ninguém passar. São os guardiões que limitam a literatura ao conhecimento, ao conhecimento como uma propriedade privada. De outro modo, os professores são les passeurs, os que passam os estudantes de um lado a outro, tornam o caminho ao desconhecido possível. "Eles abrem as fronteiras literárias, eles dão acesso à Europa, ao mundo, à humanidade e a todas as idades da literatura" (2015, p. 7, tradução nossa). O guardião somente deseja preservar o passado e a cultura das profanações dos "comuns". O professor profana o conteúdo, torna-o público, permite o acesso, o manuseio. Preserva o mundo, mas ao mesmo tempo permite o acesso livre e despreocupado. O professor não é um cirurgião no trato com o conteúdo. Ele possibilita que todos possam ser guardiões de seus próprios templos.

Os conteúdos também são singulares. A aula é a oportunidade de deixar-se surpreender – os alunos em relação ao conteúdo e o professor em relação aos alunos. "Cada aluno toca seu instrumento, não vale a pena ir contra isso. O delicado é conhecer bem a nossos músicos e encontrar uma harmonia", argumenta Pennac (2007, p. 138, tradução nossa). É evidente que isso só é possível se as condições de trabalho do professor não o obrigarem a ter muitos alunos, muitas turmas, muitas escolas. Como educação é diferente de produção, trata-se de conhecer os alunos e garantir sua revelação como sujeitos singulares. Do mesmo modo o conteúdo: "que história ele tem para me contar?" "O que quer dizer isso?". Cada aula é um encontro completo com a matéria estudada e o estudante que se torna presença. "Ninguém mordeu para sempre a maçã da nulidade! Não vivemos em um conto, não somos vítimas de um feitiço!" (2007, p. 174, tradução nossa).

A tarefa de educar, nesse sentido, pressupõe uma relação pedagógica baseada no amor. Se amor é desejo e desejo é desejo de possuir, o amor como mediador das relações entre alunos e professores implica uma posse dos primeiros pelos segundos? "Eram meus alunos. (Esse possessivo não indica propriedade alguma, designa um intervalo de tempo, nossos anos de ensino nos que nossa responsabilidade de professor se encontra por completo comprometida com esses alunos)" (2007, p. 172, tradução nossa). No momento da aula, no aqui, os alunos são do professor, isto é, são sua responsabilidade. O professor ama no sentido de que não abandona os seus alunos, não desiste deles, de cada um em sua "unicidade". O problema de Pennac foi ter encontrado adultos que se desresponsabilizaram pela educação, que não amavam a "matéria" nem seus alunos. De outro modo, sobre os que salvaram Pennac e outros maus alunos, o autor afirma: "compartilhavam com nós não só seu saber, mas o próprio desejo de saber. E me comunicaram o gosto por sua transmissão. Assim, pois, íamos a suas aulas com fome nas barrigas" (2007, p. 268, tradução nossa).

Para Pennac, o professor transmite, mas não só isso. Não transmite como um guardião de um templo. Transmite com amor pelo conteúdo que ensina e transmite o desejo por saber. Só desejamos o que não possuímos, e para desejar, precisamos saber do que carecemos. Talvez a escola seja um espaco em que tomamos a consciência da nossa ignorância, ao mesmo tempo em que não somos abandonados, em que o "fracasso escolar" não é determinante do futuro e, sequer, possui uma explicação individualizada e individualizante. O fracasso de Pennac era, igualmente, o de seus professores. Do mesmo modo, foi quando encontrou pedagogos de fato que pode deixar para trás a condição de cancre. Porque o pedagogo "abre nossa curiosidade, desperta nosso apetite de busca, estimula nossa postura crítica, exerce sobre nosso espírito uma influência que se recusa à dominação" (2015, p. 4, tradução nossa), diferentemente do demagogo e do publicitário, que substituem o espírito crítico ao dogma, o slogan ao raciocínio, o saber às crenças, etc.

A escrita de Pennac é poderosa. Para as mentes abertas, é capaz de suspender os preconceitos e mobilizar a reflexão. Às vezes, com uma linguagem coloquial, instaura a suspeita acerca das "verdades" sobre o "fracasso escolar", sejam as teorias ou as pesquisas em educação. Defende a relevância de se pensar o singular e o particular, em que o fracasso do aluno pode ser o resultado da desistência do professor. Além disso, Pennac é um crítico da vitimização, e Chagrin d'école é o resultado de uma ressignificação do seu passado, convertido em exemplo, em potencializador do pensamento. Ademais, o escritor nos instiga a voltar às questões fundamentais da educação escolar, convertendo indagações óbvias em motivo para a reflexão. Em Pennac, dados estatísticos, planilhas, orcamentos ou avaliações de larga escala não são suficientes para compreender a educação ou a realidade escolar, porque "estatisticamente tudo se explica, pessoalmente tudo se complica" (2007, p. 11, traducão nossa).

Nota

¹ Mau estudante. A tradução espanhola utiliza zoquete e a brasileira lerdo. A expressão francesa é mais complexa e implica uma série de atributos negativos em relação ao mau aluno. Nesse sentido, para não me tornar repetitivo nas adjetivações, utilizarei o termo francês.

Referências

| PENNAC, Daniel. Chagrin d'école. Paris: Gallimard, 2007. |
|---|
| . Diário de escola. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. |
| . Mal de escuela. Barcelona: Penguin Random H.G., 2008. |
| . <i>Une leçon d'ignorance</i> . 2013. Disponível em: http://lexpress.fr/culture/livre/daniel-pen nac-une-lecon-d-ignorance_1236766.html>. Acesso em: 10 mar. 2015. |